

Já se tornou lugar comum dizer que a migração é o fenômeno humano de maior envergadura nos últimos tempos. Não que isto tenha começado agora, mas nos tempos atuais esta dimensão tem se tornado uma onipresença. Migrar – imigrar e emigrar – tem sempre ocorrido já desde o *out of Africa* milhares de anos atrás. Mas nos dias de hoje, além de o processo ser bastante rápido, encontra aspectos singulares: a migração no maior das vezes é questão de sobrevivência para quem migra e também para quem *acolhe*, mas não se deve esquecer que quem está fora de sua casa está numa situação fragilizada. Na Europa – e mesmo nos Estados Unidos – está ficando cada vez mais patente a sensação difusa de que o migrante não veio só para fazer alguma coisa, mas veio para *substituir* povos em extinção. Isto de um modo mais ou menos denso e profundo acontece sempre nas migrações. Qual o resultado deste *cultural shock* é talvez prematuro prever na situação atual, mas algumas *fumaças* já sinalizam o fogo.

Tendo este pano de fundo, o presente número da *Espaços* em colaboração estreita com os missionários scalibrinianos, apresenta diversas reflexões que têm em vista tanto elucidar o fenômeno quanto lançar luzes de um trabalho pastoral de acolhida e de integração dos seres humanos relacionados com a mobilidade humana.

A primeira reflexão é de Anna Fumagalli que a partir de um referencial bíblico lança um olhar denso e muito rico sobre a experiência do migrar, da busca de sentido, das esperanças e desesperos da vida.

Alfredo Gonçalves, presidente da ASPES, em sua contribuição apresenta dimensões sociológicas e históricas da migração e algumas características típicas do migrante contemporâneo e a influência disto para

uma pastoral consistente e respeitosa. De um modo geral o migrante busca um novo lugar para morar; ele não é um turista.

Como a Igreja, no seu todo, tem lidado com este fenômeno? Paolo Parise percorre os Documentos oficiais das Conferências episcopais da América Latina tendo em mente a temática da mobilidade humana e sua influência nas propostas pastorais da Igreja; gradualmente, o tema deixa de ser assunto de alguns e passa a ser de todos.

Ainda persiste o fenômeno da migração campo-campo, mas no geral, hoje em dia, trata-se mesmo da migração campo-subúrbio-cidade. Como fica a experiência religiosa dos *deslocados*? Para apresentar um pano de fundo mais sólido e contribuir com novos dados, João Décio Passos e Afonso Maria Ligório Soares elaboram suas reflexões onde a teologia e a religiosidade em processo de transformação são analisadas e algumas sugestões são apresentadas.

O prezado leitor pode ainda enriquecer-se com as contribuições de Antônio Carlos Oliveira Souza – o Batismo e seu significado teológico e pastoral – e o testemunho dramático do trabalho com migrantes da Amazônia de Gelmino Costa.

Por fim, duas contribuições para se conhecer o Brasil: o Cemitério do Valongo, no Rio de Janeiro e seu sentido antropológico (Enio José da Costa Brito) e a recensão de um livre especialmente interessante a respeito da vida cultural de uma tribo indígena brasileira na Amazônia (José Luiz Cazarotto).

Tenha pois o leitor uma boa leitura e que a mesma o enriqueça no conhecimento e seja uma luz para se lidar com um fenômeno complexo e atual.

**José Luiz Cazarotto**  
Diretor